

to do tipo de dados encontrados com a utilização da psicanálise, em pacientes neurológicos, e demonstrando como personalidades muito diferentes apresentam com lesões variadas. Um primeiro grupo de pacientes é constituído por 3 casos de lesão peri-silvica esquerda (localização lesional apenas distante em escassos centímetros, mas com síndromes clínicas radicalmente diferentes – uma Afasia de Broca, uma Afasia de Wernicke e uma Afasia Global com evolução para uma Afasia Transcortical Mista). Um segundo grupo de 5 doentes apresenta casos de lesão peri-silvica direita, enquanto um terceiro grupo engloba 4 casos com lesão na região bilateral ventromediana frontal. O tratamento psicanalítico ou o recurso a psicoterapia analítica destes casos permite um primeiro esboço de um modelo psicanalítico da mente.

É importante enfatizar o grande benefício secundário desta investigação, dado que a utilização da terapia psicanalítica pode contribuir para a reabilitação dos diversos distúrbios de personalidade, emocionais e de motivação, associados à lesão neurológica em questão.

Por último, resta referir que os autores enfatizam a necessidade de confirmar, alargar e rever, substancialmente, todos os resultados e hipóteses encontrados, mediante uma investigação mais vasta. Na verdade, o carácter deste trabalho, não obstante a sua importância, é de um 'estudo preliminar', no sentido em que Karen e Kaplan-Solms e Mark Solms formulam a investigação e direcção teórica, neste livro, como um 'Projecto para uma Neuropsicanálise Científica'.

**Sónia Coelho**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Pedro Silva (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada: Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento. 413 pp. ISBN: 972-36-0662-3.**

O argumento crítico deste texto merece uma leitura detalhada, pelo conjunto do seu conteúdo e pelo prefácio, em particular. Se o conteúdo reporta as relações de poder estabelecidas entre a escola e a família, atendendo o autor à etnografia das comunidades

estudadas, no prefácio, Steve Stoer e Don Davies enfatizam o projecto de interculturalidade, 'neste importante livro de Pedro Silva', e se confessam 'parceiros deste projecto inacabado', por terem sido, respectivamente, orientador e co-orientador da tese de Doutoramento, na área da sociologia da educação, que deu origem ao livro.

A obra está dividida em três partes, subdivididas, por sua vez, em capítulos. A mancha de texto é densa, com caracteres de pequena dimensão, sendo, por ventura, o único senão para o leitor. A narrativa é complementada por quadros e, frequentemente, ilustrada com citações retiradas dos depoimentos obtidos no trabalho de campo. Por outro lado, a forma clara de escrever é expressa no cuidado com a explicação de conteúdos, teorias, procedimentos, resultados e conclusões (incluindo o recurso sistemático a notas de rodapé). Esta metodologia discursiva reflecte as preocupações de natureza pedagógica do autor como docente (inclusive, do Instituto Miguel Torga, na década de 1980, na altura ainda designado Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra).

O objecto deste estudo é a relação escola-família, consistindo numa investigação de natureza etnográfica, durante dois anos de trabalho de campo em três escolas públicas portuguesas do 1º ciclo do ensino básico, em Amora, Cruzeiro e Segrel. Sobressai, nesta obra, um sólido quadro teórico, demonstrando a importância de uma análise sociológica acerca da complexa relação escola-família, situada 'na encruzilhada do macro com o microsociológico. [...] [e que] remete, simultaneamente, para a relação escola-sociedade e para o papel (regulador) do Estado nesta articulação, assim como para o entendimento do que se passa a nível (do) 'local', ou seja, o que se passa em cada escola e como se relaciona esta com a comunidade (ou comunidades) com que interage'. (p.20).

Na introdução, é apresentada a estrutura do conjunto do texto, colocando uma 'pluralidade de questões' acerca de um problema relevante, do ponto de vista sociológico, designadamente, 'tentar perceber qual a influência da origem social (em particular, classe e género) na forma como interagem os vários actores em cena na relação entre escolas e famílias' (p. 22).

Na primeira parte, o autor problematiza, através de uma reflexão teórica fecunda, a

relação escola-família. 'Emergência, Desenvolvimento e Paradoxos de uma Relação' constitui o título do primeiro capítulo que aborda a emergência e o desenvolvimento da participação parental; questiona, do ponto de vista teórico e ideológico, o que são (afinal) os pais face à escola (consumidores; parceiros; educadores; clientes; gestores; consumidores-cidadãos), discutindo os estudos e autores mais significativos sobre este problema. As formas de cooperação entre a escola e a família constituem um tema relevante nesta análise. O autor destaca o facto de as interacções entre ambas as instituições 'tenderem a ser modeladas pela primeira destas instituições sociais' (p. 65). Em virtude de 'Professores e famílias tende[re]m a ser apresentados de uma forma monolítica, independentemente da classe social, do género e da etnia' (p.70), Pedro Silva termina este capítulo expondo alguns estudos acerca das clivagens de ordem estrutural e do papel que as mesmas desempenham. Neste sentido, apresenta Sara Lightfoot como uma das primeiras investigadoras a abordar essa questão e Mary Henry a responsável por chamar a atenção para os seus efeitos discriminatórios. Do grande número de estudos que, a partir dos anos 1980, 'têm vindo a revelar, mais directa ou indirectamente, a consciência da heterogeneidade social e cultural', o autor coloca ênfase especial no estudo de Laureau que, ao constatar 'uma diferença na 'quantidade' e na «qualidade» dos contactos entre escolas e famílias {...}, sendo aqueles mais frequentes e intensos entre os pais da classe média superior' (p.71), avança algumas importantes hipóteses explicativas.

No capítulo seguinte, que começa com a referência ao uso e abuso do vocábulo 'pais', o autor prossegue com alguns 'exemplos de possíveis fracturas internas ao conceito' (p.78): género, classe social, tipo de família, etnia/raça, orientação sexual, profissão. E pretende com este esboço 'sobre a heterogeneidade e a polissemia inerentes ao conceito de 'pais' [...] abordar alguns dos indicadores demonstrativos daquela diversidade' (p. 79). Ainda neste capítulo, são explicados alguns termos e expressões comumente utilizados – pais e famílias; envolvimento e participação; relação, colaboração e parceria; parceria e parceria – procurando precisar do que se está a falar e quais os termos mais adequados. Em particular, aqueles que aparecem ora enquanto sinónimos e se equiva-

lem, ora com diferenças entre si (nem sempre claras) ou, ainda, os que são usados de forma indistinta. Seguem-se as perspectivas teóricas acerca desta temática – aliança natural, separação, sequência incrustação, sobreposição, a teoria das esferas que se intersectam – e que encaram, de modos distintos, a relação entre as escolas e as famílias. Neste sentido, é feita uma reflexão conceptual, referindo que, raramente, estas teorias contam com visões coerentes, sistematizadas e formalizadas sobre este aspecto particular da realidade social.

O terceiro capítulo apresenta uma breve revisão da bibliografia publicada. O autor dá conta das seguintes perspectivas: escolacentrista; centrada na comunidade; centrada na relação pedagógica. Saliento o último ponto deste capítulo que aparece com o título: 'E os Pais?', justificando-se esta interrogação, porque '[n]a revisão bibliográfica anteriormente feita [...] não só predomina uma visão 'professorocêntrica', como 'adultocêntrica' ' (p.121). O autor afirma ainda que 'Esta (quase) ausência do ponto de vista dos pais, na bibliografia, está em consonância com a dificuldade – impossibilidade? – de criar uma relação verdadeiramente igualitária na interacção entre docentes e famílias' (p.123).

A segunda parte do livro intitulada Escola-Família em Portugal, uma Relação Paradoxal, conta com dois capítulos. O capítulo quarto, designado 'As Políticas Educativas e a Participação Parental,' analisa o contexto sócio-histórico em que esta relação se desenvolve, cruzando perspectivas sincrónicas e diacrónicas, observando, assim, as mudanças daquela relação, nas últimas décadas. O capítulo quinto, ao fazer referência 'ao carácter semiperiférico (no contexto europeu) e a influência deste facto na caracterização da escola de massas portuguesa', analisa e interpreta as interacções dos diversos actores que fazem parte deste estudo, tendo em conta 'os vários tipos de clivagem estrutural: a das classes sociais, a de género e (eventualmente) a étnica'. Por isso, este capítulo é intitulado 'Etnografia de uma Relação', sendo particularmente interessante o último ponto, 'Interacções, Interculturalidade e Relações de Poder', onde se observam as interacções pais-professoras, professoras-associações de pais e pais-pais.

A última parte do livro denuncia o que considera uma 'relação armadilhada', entre a

escola e a família, 'evitada de todo um potencial conjunto de efeitos perversos' (p.347). As 'armadilhas' de que fala Pedro Silva podem ser encontradas, igualmente, noutros tipos de relação em que as questões de poder são determinantes. Pretende o autor dar conta e alertar para os seus efeitos e, tanto quanto possível, dar o seu contributo para 'desarmadilhar a prática'. Destaco ainda o facto de esta relação ter subjacente, nas sociedades contemporâneas, uma relação entre culturas, por isso o interesse do autor na reflexão de conceitos como multiculturalismo ou interculturalidade.

Ao integrar o enquadramento teórico-conceptual, exposto na primeira parte, com o conhecimento produzido através do trabalho etnográfico, exposto na segunda parte, o autor explica – no sexto e último capítulo, 'Escola-família, uma Relação Multifacetada' – o seu pensamento e (re)cria uma conceptualização da relação escola-família, ensaiando a abertura de novas direcções. Em particular, o autor parte da existência 'de duas díades: a das duas vertentes – escola e lar – e a das duas dimensões de actuação – individual e colectiva' (p.349). Pedro Silva, defensor de um estreitamento de relações entre escolas e famílias, por razões ideológicas – uma vez que acredita no potencial democratizador dessa relação – e por razões pragmáticas – porque acredita que se aprende a colaborar, colaborando – discute, criticamente, 'a relação escola-família, num trabalho que acaba por revelar um percurso algo circular, macro-micro-macro' (p.347).

Recomendo, vivamente, a leitura deste livro – em particular, o sexto capítulo e as direcções apresentadas – a quem 'mescla [...], assumidamente, uma postura de cientista com a de cidadão, ou, se se preferir, aponta para uma postura de cientista-cidadão ou de cidadão-cientista', uma caracterização que, na verdade, se aplica hoje a todos aqueles que, de um ponto de vista profissional, familiar, crítico ou teórico se encontram confrontados com a encruzilhada sociocultural e política entre a família e a escola.

**Dulce Simões**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Eduardo Sá. *Más Maneiras de Sermos Bons Pais: As Crianças, o Pensamento e a Família*. 6ª edição. 2003. Fim de Século-Edições, 117 pp. ISBN: 972-754-200-X**

O livro de Eduardo Sá chama logo a atenção, pelo título, constituído por uma colectânea de 16 textos acerca da criança e da família, tendo sido alguns deles publicados, em forma de crónica, na revista *Pais*.

No texto 'Bons Meninos Maus ... As Crianças e a Família', o autor começa por referir que se nasce antes de nascer, pois, do seu ponto de vista, um filho nasce primeiro na imaginação e no sonho dos pais, isto é, nasce primeiro num plano emocional. Em seguida, Eduardo Sá fala acerca da importância da família, quer do ponto de vista dos filhos, quer do ponto de vista dos pais, afirmando que 'os filhos são quem mais nos faz sermos nós. Fazem-nos sentir menos só; enternecem-nos, assustam-nos, desesperam-nos, permitem que nos reencontremos e, de cada vez que os sentimos parecidos connosco ao olhá-los, contemplamos a nossa eternidade' (pp.15-16). O autor chama a atenção para a importância das crianças 'brincarem aos pais e aos filhos', permitindo, assim, que estas dramatizem o comportamento dos pais e, perante si próprias, ao viverem o lugar do outro, o possam pensar. Este texto termina referindo que, quando os pais silenciam os afectos, as crianças tornam-se medrosas, inseguras, indisponíveis para amar, pouco curiosas e tristes, o que traduz a importância dos afectos da parte dos pais para com os filhos.

Em 'O Pensamento dos Bebés: Realidade e Fantasia na Relação Precoce', o autor começa por relatar uma história acerca de uma senhora grávida que foi a uma consulta e o obstetra lhe fez uma ecografia de rotina, a que o outro filho de 4 anos assistiu. Esta criança, depois de lhe terem explicado o que estava a ver no ecrã pergunta se, da próxima vez, pode trazer o seu pai, porque este arranja televisões. Na verdade, neste momento do livro, Eduardo Sá dirige a atenção para o pensamento dos bebés, referindo-se a sensações, a movimentos de habituação sensorial e a emoções, concluindo que um 'feto emocional-se, reage e comunica' (p.25).

No texto 'O Pai Natal', considera-se que 'o Natal chega quando nos chegamos para junto de quem nos faz sentir ao pé da nossa liberdade' (p.35). Seguidamente, é enfatizada